

“UTOPIAS DA FÉ E REALIDADES DA POLÍTICA” – IV Encontro Nacional de Fé e Política

“UTOPIAS DA FÉ E REALIDADES DA POLÍTICA”

IV Encontro Nacional de Fé e Política



“Utopias da fé e realidades da política”

Encontro Nacional de Fé e Política

**Publicação do
Movimento Nacional de Fé e Política
São Paulo/SP**

2006

© Movimento Nacional de Fé e Política – 2006

Rua Guarapuava, 317 – Moóca

03164-150 São Paulo/SP

Tel.: (11) 6694-0321

E-mail: mov.fepolitica@uol.com.br

Site: www.geocities.com/fepolitica

Capa: *Marta Cristina de Araújo – SP*

Revisão: *Cristina Dias de Oliveira Martins*

Fotos: *Luciney Martins*

Rede Rua de Comunicação

Fone: (11) 3311-6642

E-mail: redesua@uol.com.br

Site: www.rederua.org.br

Arte-finalização e impressão: *Con-Texto Gráfica e Editora*

Rua João Batista de Freitas, 558

Bairro Scharlau – Cx. P. 1051

93121-970 São Leopoldo/RS

Fones: (51) 3568-2560 e 3568-3225

Fax: (51) 3568-1113

E-mail: graficacebi@cebi.org.br

Editora Rede da Paz

Mosteiro da Anunciação do Senhor

Caixa Postal 19

76600-000 Goiás/GO

Tel.: (62) 3372-1985 – Fax: (62) 3372-1135

E-mail: editora@rededapaz.com.br

Site: www.editorarededapaz.com.br

Índice

Apresentação	5
1. Utopias da fé e realidades da política	7
Marcelo Barros	7
Patrus Ananias	11
João Pedro Stédile	20
2. Mística e espiritualidade	29
Dom Tomás Balduino	29
Frei Betto	33
3. Anexos	44
Carta de princípios do Movimento Fé e Política	44
Abertura	46
Gilberto Carvalho	46
Relação das plenárias temáticas	52

Apresentação

“Irmãos e irmãs, chegou a hora de acordar, a noite já vai avançada e o dia já vem chegando. Deixemos de lado as amarras da escuridão e vamos vestir as armaduras da luz”. (Rm, 7).

Dias 04 e 05 de Dezembro de 2004, tempo de advento, tempo de olhar para frente, de traçar novos horizontes. Essa foi a data escolhida para a realização do IV Encontro Nacional de Fé e Política, que, mesmo tendo ocorrido logo após um árduo processo eleitoral para escolha de prefeitos (as) e vereadores (as), no qual os militantes estiveram engajados, nada abalou o ânimo e o entusiasmo dos 5.000 delegados e delegadas de todo o Brasil que marcharam em festa para Londrina, norte do Paraná, cidade que acolheu a todos (as) na semana em que comemorava seus setenta anos.

Foram dois dias de leitura da realidade, reflexão, mística, partilha e uma profunda e calorosa acolhida das comunidades de Londrina, Cambé e Jataizinho, que se doaram para acolher os participantes do encontro. Com o tema “UTOPIAS DA FÉ E REALIDADES DA POLÍTICA”, o IV Encontro trouxe uma nova proposta de metodologia. Primeiramente, foi realizada uma grande plenária abordando o tema central e para que houvesse uma maior participação e espaços para outras temáticas, os participantes se dividiram em quatorze plenárias que aconteceram em quatorze comunidades, tendo como assessoria, vinte e três companheiros e companheiras que se dispuseram a partilhar suas experiências de vida com os participantes. Essa nova metodologia propiciou uma construção coletiva de idéias e de sonhos frente aos desafios que o tema apontava, além de propiciar aos participantes, a oportunidade de conhecerem a realidade das cidades e das comunidades que os acolheram e discutirem com maior profundidade o tema da plenária escolhida por eles mesmos no ato da inscrição.

O que se constatou ao final do III Encontro em Goiânia: “*Uma escola de fé e vida*”, aconteceu também em Londrina. O IV Encontro Nacional de Fé e Política, deixou na cidade, em especial na vida das pessoas que compuseram as equipes de trabalho e nas 1.000 famílias que se dispuseram a acolher os participantes em suas casas, e com certeza, aos companheiros e companheiras de todo o Brasil, um novo ânimo e um novo vigor na caminhada que se faz a cada dia, com muitos desafios sim, mas com a profunda esperança que a utopia da fé nos traz.

Com isso, o movimento nacional de Fé e Política vai crescendo e fazendo história pelo Brasil e segue rumo ao V Encontro que se realizará na cidade de Vitória-ES com a graça de Deus.

Os textos que apresentamos neste livro se referem a reflexões feitas pelos nossos assessores na grande plenária, durante a realização do IV Encontro Nacional, o qual acreditamos que muito irá ajudar os grupos de fé e política, os movimentos e pastorais sociais e as comunidades eclesiais de base de todo o Brasil a viverem a utopia da fé, enquanto caminho de amor e doação, e a continuarem se engajando nos espaços políticos, como forma concreta de exteriorização de sua espiritualidade.

Que Deus, que é Deus de toda criatura, que nos anima e nos faz ousar em resistir na caminhada, fortaleça a todos e a todas que de uma maneira ou de outra ajudaram a construir este encontro e este material aqui apresentado, iluminando seus caminhos que se constroem a cada dia, sendo alimentados por profundas utopias da fé.

Saudações fraternas,

*Equipe local de coordenação do
IV Encontro Nacional de Fé e Política
Londrina-PR*

1. Utopias da fé e realidades da política



Da direita para a esquerda: Marcelo Barros, João Pedro Stédile e Patrus Ananias.

MARCELO BARROS

Bom dia gente! O tema do Encontro, Utopias da Fé e Realidades da Política, eu tenho a impressão que se fosse há uns dez ou quinze anos atrás, não seria muito aceito. O pessoal tinha uma visão meio negativa desta história de “utopia”. Quando se queria dizer que alguém era reacionário e irreal, se dizia que era muito utópico. Ser utópico era viver no mundo da lua, sem pé na terra.

Utopia parecia uma coisa do outro mundo, fora da realidade. Foi recentemente que a própria reflexão sociológica, principalmente com Ernesto Loock, disse: "o ser humano é um animal utópico". Todo mundo vive de utopia. Existe uma utopia abstrata, na qual a pessoa vive, de fato, no mundo da lua. Mas, existe também uma utopia concreta, uma utopia real.

Vocês sabem o que quer dizer utopia? É uma palavra inventada, no século XVI, por Thomas Morus, nobre inglês, chanceler de Henrique VIII, aquele rei do período da Reforma Protestante, ligado depois a Igreja Anglicana. Thomas Morus foi morto porque não aceitou ceder às injunções do monarca. Thomas Morus escreveu um livro chamado "*Utopia*". O termo vem de uma palavra grega que significa "o não lugar". Mas como pode existir um não lugar? Um não caminho? Neste sistema da Inglaterra, a utopia é algo que não cabe. É o "não lugar" daquele lugar em que ele vivia. Então a utopia significa o avesso do sistema. Não tinha aqui, mas tinha em algum lugar. Dizem que Thomas Morus tinha um amigo, Rafael de Glods, um inglês que tinha viajado a América e quando voltou, contou como era a América Latina. A partir da descrição daquele viajante, Morus escreveu a "*Utopia*". Nesta obra ele coloca dois princípios fundamentais:

1º - o fim absoluto da propriedade privada. É a primeira regra, em que a propriedade privada é dogma, é algo irremovível e não é possível a utopia.

2º - o segundo princípio da Utopia é que os interesses individuais só têm sentido, só podem ser satisfeitos na medida em que as necessidades coletivas tiverem sido cumpridas. Então, o que conta primeiro é a felicidade de todo mundo. Depois, olha-se para as necessidades individuais.

A partir desses dois princípios: o fato de que a propriedade privada não é uma coisa absoluta e que o interesse individual tem que obedecer às necessidades coletivas, é possível um caminho, uma realização. Então a utopia, não quer dizer que não há lugar, mas sim, que nós não temos ainda esse lugar. É um lugar que nós procuramos. Nós não somos 'sem-terra' e 'sem-direitos'. Todo mundo vive como sem-terra, mas, ao mesmo tempo, ocupando a

terra. Utopia é a possibilidade de ser sem-terra com terra para ocupar. Isso sim é utopia.

Agora como é esse caminho? Neste Encontro, falamos em “utopias da fé”. Por quê? Para nós, é fundamental a confiança, convicção que vem do amor, que vem da fé. E aí a fé é um caminho, um método, o jeito como eu ando, como eu construo algo novo. Quando digo fé, eu me refiro ao sentido de confiança. Nós temos fé um no outro, eu tenho fé em vocês, nós temos fé no Brasil e no ser humano. A partir dessa fé universal humana, podemos construir a fé que se chama bíblica, espiritual, religiosa ou não. Há pessoas que vivem a fé dentro de uma religião, uma igreja, (como eu, por exemplo). Mas conheço muita gente que vive a fé, sem ser ligada a uma instituição religiosa. Viver o caminho da espiritualidade é perceber para onde este espírito sopra, para onde me arrasta, para onde me conduz.

Na Bíblia, não existe a palavra utopia. Ela foi inventada no século XVI então não está na Bíblia. Mas, a Bíblia tem uma palavra que corresponde à palavra utopia. Se eu tivesse tempo aqui, para fazer um mutirão, qual é a palavra na bíblia, que corresponde à palavra utopia, o que vocês me diriam? Tem várias palavras, como Reino, Projeto de Deus e Profecia que é a palavra mais próxima.

O que quer dizer profecia? Para a Bíblia, profeta não é o homem ou a mulher que adivinha. No começo, profeta era quem previa o que ocorreria daqui a um mês ou uma semana. Depois, o povo percebeu que quem prevê ou adivinha coisas é adivinho, mas faz isso sem se comprometer. É neutro. Eu olho sua mão e digo: “você vai viver muito, vai casar, vai ter um casamento muito feliz”. Eu não tenho nada a ver com isso. Estou apenas vendo. Tenho o maior respeito por este tipo de coisa. Tem gente que tem isso como um dom natural.

Mas, deixemos claro: Profeta não é quem prevê ou prediz. É quem promete. Promessa é um compromisso. Então existe promessa quando a pessoa que promete se engaja, se compromete a fazer aquilo que promete. Não é apenas uma previsão. A pessoa se coloca naquilo que anuncia. Então, a promessa é anúncio de algo que vamos construir. E, na Bíblia, a promessa, a profecia vem de

Deus, vem do Espírito. O profeta é apenas um porta-voz. É alguém que fala em nome de Deus. Para quê? Para falar dessa utopia da fé. Para dizer algo, como por exemplo, que a fé se realiza aqui e agora. Os profetas são as pessoas, homens e mulheres, que dão a vida pela realização de um projeto. Eles existem em todas as religiões. Buda foi um profeta. Maomé foi um grande profeta. Para quem é cristão, Jesus de Nazaré é profeta. É a própria palavra de Deus. É alguém que encarna e concretiza no corpo dele a mensagem e a comunhão de Deus conosco. De tal maneira, Jesus viveu essa utopia, que ele chamou de reino de Deus, que os cristãos, no começo chamavam o movimento de Jesus de caminhada, de caminho. O Reino é utopia justamente para afirmar que a questão não é a de não ter caminho, mas para dizer que ele está além deste aqui e agora.

Mas como é a utopia da fé cristã na realidade política? Primeiro ela é crítica. O irmão-companheiro queridíssimo Gilberto Carvalho, nessa brilhante introdução que ele fez ao Encontro, disse: “a fé é uma instância crítica permanente da realidade política”. É por isso que ela é profecia. Então, de certa maneira, a pessoa utópica não é a pessoa sem lugar, é uma pessoa que se coloca fora do contexto, e mais, nunca está totalmente satisfeita.

A segunda coisa para a utopia da fé é a de que ela parte dos pequenos. Não parte dos grandes. A utopia é o não lugar é também o não poder, é a cruz de Jesus. Então se constrói, a partir dos últimos, dos sem-terra, dos índios, dos oprimidos de todas as raças, de todas as classes, de todos os gêneros. A utopia da fé se constrói de baixo para cima e não de cima para baixo.

Em terceiro lugar, a utopia da fé é um caminho de amor e doação. Um amor que chega a dar a vida, que sentimos e experimentamos em muita gente e em muitos profetas e profetisas em nosso caminho. Quando vemos um irmão-companheiro como Dom Tomás Balduino, com a vida totalmente dedicada e consagrada, percebemos como essas referências são importantes para a caminhada.

Eu queria convidar todos para ficarem de pé e cantarem: “Envia teu espírito Senhor, e renova a face da Terra!”.

PATRUS ANANIAS

Bom dia a todos os companheiros e companheiras e a todos os demais amigos e amigas aqui presentes. Por conta do tempo e para não esquecer tantas outras pessoas queridas – e há tantas aqui –, vou dispensar as referências, que eu até gostaria de fazer, mais por razões afetivas, que por questões protocolares.

O que trago são algumas reflexões, mais do que certezas. É claro que temos algumas e vamos colocá-las aqui com convicção, respeitando as posições diferentes. Mas, o que quero fazer aqui, com as irmãs e irmãos do grande Movimento de Fé e Política, são algumas reflexões dentro da linha do tema abordado: “as utopias da fé e a realidade da política”.

Vou seguir na linha do que foi dito pelo Marcelo, sobre a utopia: o que nós queremos? O que nos toca mais fundo no coração e na alma? Eu coloquei aqui, Marcelo, não uma profecia, mas um Reino de Deus na Terra. A realização na prática dos valores evangélicos, a libertação dos oprimidos, o tornar possível a todos os seres humanos, na linguagem de Jesus, multiplicar os próprios talentos e a partir dos talentos pessoais, os talentos e as possibilidades familiares, comunitárias e nacionais.

O que nós queremos é que cada um se torne pessoa, sujeito, construtor da sua própria história, e da história coletiva. Quanto a isso não temos diferenças. Ninguém aqui é mais à esquerda ou mais à direita. Todos nós estamos irmanados num compromisso comum, num projeto comum, que é o projeto de Jesus, com vida plena para todos, direito à vida encarnada e concreta. O que é o direito à comida, o direito ao pão nosso de cada dia, ao trabalho, à saúde, à educação, à moradia, direito à família e a construção da pessoa. Estamos todos possuídos da indignação de nosso saudoso professor Paulo Freire, que falava do “ser humano impossibilitado de ser”. Nós queremos que cada ser humano possa ser, no sentido pleno da palavra. Que a cada ser humano, que a cada brasileiro e brasileira, seja dada sua chance, sejam dados os direitos e deveres básicos, da racionalidade, da cidadania, da dignidade humana. Isso é o que nós queremos e para lá caminhamos. Mas o

que a História – que é uma mestra da política – nos revela? O que podemos apreender com a história, com a caminhada do povo brasileiro, latino-americano e com a história da Humanidade?

Nós vivemos num processo. Nós estamos a caminho, cada um de nós, nos aperfeiçoando, nos construindo como pessoas. Digamos, claro, aqui entre nós, olhando para o passado da humanidade, o Reino de Deus ainda não se manifestou aqui entre nós plenamente, em nenhum momento da história. Também em nenhum momento da história conseguimos ainda, uma outra utopia, uma sociedade sem classes. Imagino que já se possa construir o novo. Construir o novo exige, muita humildade e reconhecimento da realidade, já dizia o nosso grande e saudoso escritor Guimarães Rosa “Querendo o bem com demais força, de incerto jeito, pode já estar sendo, se querendo, o mal por principiar”.

Grandes utopias, também levaram a grandes tragédias. É claro que foram importantes, foram construções históricas, ninguém nega. Mas esse sonho socialista do século XX levou ao terror stalinista. O Socialismo, hoje, paga um preço pelo ideal socialista, pelos próprios erros. Então, o que a história nos revela? O tempo de Deus, não é o nosso tempo! Quando estudamos a história, sentimos a mão de Deus, a presença de Deus. Lá, é o tempo que vai sendo construído muito além de nossas existências. É claro que nós somos sujeitos. Na belíssima expressão de Dom Helder Câmara, “nós somos parceiros, sócios, de Deus na construção do homem e da mulher neste mundo”. Então, a partir dessa condição de sujeitos, nós podemos, sim, ter um papel ativo, sermos formadores, a partir das nossas famílias, de nossas comunidades, de nosso País, do nosso Povo, de nosso Brasil e na perspectiva maior da Humanidade. Podemos sim, podemos e devemos, acelerar e mudar a história. Os pobres não podem esperar. A fome não pode esperar. Mas nós não operamos e não agimos sozinhos.

Existem, inclusive em nós mesmos, os blocos da iniquidade, os interesses econômicos, e outros conflitos, entre pessoas e grupos sociais, conflitos bélicos, nacionais, religiosos. Enfim, nós vivemos a fascinante e sofrida condição humana. Isso e outras questões nos recolocam a defesa de uma linguagem marxista, quero

dizer com franqueza que não é a minha, a minha tradição e formação estão no cristianismo mesmo, e, no ensino social cristão, mas para usar categorias marxistas que nos ajudam muito. Eu penso que é importante recuperarmos expressões tácitas como a dialética. E o que é dialética? É ver a vida como um corte linear? São as oposições definitivas: lá e cá, nós e eles? Ou é, ou não é verdade? É manter a contradição capital e trabalho, do século XIX nos mesmos moldes no século XXI? Temos que recuperar a dialética, a análise fria e objetiva da realidade. Uma coisa, meus irmãos e minhas irmãs, é o que nós queremos, outra coisa é como sermos fiéis à mensagem libertadora do evangelho, aqui e agora! Nós não somos o fruto da nossa escolha, entre reconhecer o conflito, entre o bom e o ótimo. Muitas vezes a nossa escolha é o possível. O desafio que se coloca para nós é não darmos, é não ficarmos atentos às possibilidades históricas. Mas também a história não teve complacência com aqueles que, reconhecendo as suas condições objetivas, quiseram ir além. Nós todos vivemos, por exemplo, a experiência de Salvador Allende, no Chile e tantos outros.

Então recoloco estas questões básicas como a “correlação de forças”, no plano nacional e internacional desse mundo globalizado que precisamos compreender melhor. E, a correlação de forças, muitas vezes, tem estágios e é dinâmica. Aliás, os senhores podem ser aliados hoje e adversários amanhã e vice-versa. Sobre tudo num país como o Brasil, que apesar de tantas desigualdades sociais, enrustidas, acumuladas por séculos, tem ainda uma relativa mobilidade social. O que significa que muitas pessoas que eram pobres ou muito pobres algum tempo atrás, hoje são pequenos e médios empresários, e, outros empresários que faliram e estão tendo que reconstruir a vida. Emergem aí, além desses desafios da realidade, dos conflitos da realidade, agora com maior visibilidade, depois de Freud e da Psicanálise, as dimensões da subjetividade. É isso que nos dizia Ortega y Gasset quando falava “eu sou eu e as minhas circunstâncias”.

Nós também, como esquerda, não temos um olhar puro da verdade, nós também somos contaminados pelas nossas histórias pessoais, pelas questões básicas da vida contemporânea. A ques-

tão da interpretação, da hermenêutica, pois quando eu tenho um texto e perco a pessoa, eu perco a sua história. Tudo o que eu recebi ou não na minha vida, de que família, de que religião, de cultura, de lugar social, etc. Depois, se colocam também as dimensões da afetividade. Eu acredito que um dos erros da esquerda no Brasil é a falta de operar nesse campo das relações afetivas. O historiador Sérgio Buarque de Holanda dizia que o brasileiro é um indivíduo cordial – não a cordialidade que vem da bondade não –, nós brasileiros somos sentimentais para o bem e para o mal. Nós reagimos muitas vezes com o coração e com o sentimento, sem falar, sobretudo, do desejo.

Voltando às realidades do tempo histórico para o presente, realidades da política e da utopia, como calçar o caminho da utopia? Ainda ontem, ouvi um estudioso dizer: “A América Latina viveu dezenas de situações revolucionárias, que existiram realmente”. É surpreendente que a história desse continente comporte tantas situações revolucionárias, e como tão poucas tenham se concretizado.

Como calçar o caminho da utopia? Eis outro ponto importante, neste Brasil em que vivemos. Quero fazer um parêntese aqui. Numa reunião, há algum tempo, em conversa com meu amigo e irmão Frei Betto, depois de muitos anos, de viver essa grande aventura, esse grande desafio, junto com o presidente Lula, do Ministério de Desenvolvimento Social e Combate a Fome, inclusive comentei quero até estudar um pouco de economia para entender isso (porque não sou especialista...). Vamos voltar no tempo: o que pensávamos nós, o que sonhávamos, cristãos, marxistas, socialistas, todos que construíram a utopia da esperança, o que pensávamos nos anos 70 e 80? Como concebíamos a relação com os empresários, como fala com vigor João Pedro Stédille, com “a burguesia”, com um julgamento definitivo, uns de lá e outros de cá. Como nós pensávamos a produção de bens e serviços? Temos 180 milhões de brasileiros, eles querem comida! Querem remédios, querem bens e utensílios básicos da vida, somos 6 bilhões na face da Terra.

Nós tínhamos em comum, naquela época, uma idéia, a qual

nós permanecemos fiéis, graças a Deus. Nós tínhamos a certeza que o trabalho tem o valor primário sobre o capital, da mesma forma que os valores sociais devem prevalecer sobre o capital e a propriedade privada. Mas era isso que queríamos, a socialização? A empresa autogestionária? Lembro que estudávamos, nos anos 70, a experiência de autogestão, então, muito conhecida da antiga Iugoslávia, que depois deu lugar à tragédia que conhecemos. Muitos de nós defendíamos a “estatização”, o Estado como um grande gestor, grande proprietário. Deu no que deu! Estatização, sim, mas também com a economia solidária, hoje presente no sonho permanente com centenas de pequenas propriedades de cooperativismo e iniciativas comunitárias.

Pois bem, o que representou o chamado socialismo real? Além das expressões políticas, que o socialismo não apontou, não equacionou, como a questão da democracia, da participação popular, da autonomia dos sindicatos e dos movimentos populares, dos direitos humanos, da liberdade. Além desses temas, o socialismo ruiu também porque demonstrou fragilidades graves no sistema econômico. A burocracia, a ausência de liberdade, de criatividade, os privilégios. Há, ainda, a questão do poder alternativo, que estamos priorizando no Brasil, com o governo Lula. E aí, meu querido João Pedro, é preciso dizer com clareza, PRONAF – 7 bilhões não é nada? Economia solidária e micro-crédito lançados recentemente, não se constituem em nada? Os programas de distribuição de renda, não são nada? É certo dizer que o que nós estamos fazendo no Brasil, com o Bolsa Família, com o micro-crédito, com a economia solidária, com a inclusão produtiva, ainda não se impôs, como modelo alternativo à sociedade de consumo?

Vamos reconhecer que tudo isso ainda não se impôs à sociedade de consumo, consumo no bom sentido, onde as pessoas querem consumir bens de consumo que lhes darão dignidade e condições para se tornarem mais livres e independentes. Então nós temos que produzir muito. Comida, roupa, alimento, eletrodomésticos e computadores, mas quem vai produzir? Nós podemos, do ponto de vista histórico, romper com a classe dos empre-

sários, com a chamada burguesia? Nós temos condições de poder prover a casa dos pobres, da classe trabalhadora e classe média, com os bens necessários à dignidade humana? Acho que nós todos não podemos ser tão ingênuos. Temos que vencer esse grande desafio. Superar o capitalismo, nós queremos sim, alternativas queremos também, mas é preciso superar a situação presente, criar condições e enfrentar desafios concretos. A experiência de Allende, no Chile, foi assim. Começou a faltar chupetas para as crianças, que começaram a chorar à noite. Muitos apoiadores do socialismo começaram a se questionar, embora saibamos, hoje, que foi uma ação de sabotadores.

O que ocorreu? O que vivemos hoje? Vivemos a mais ampla hegemonia do Capital, do capitalismo. Vivemos o momento do Capitalismo triunfante. A questão da globalização, precisa ser entendida melhor. Considero que, nos últimos 30 anos, a Humanidade teve um retrocesso histórico fundamental, neste mundo que temos. Temos que dar conta disso e assumir a liderança. Como, advogado sindical trabalhista, sempre na luta defendendo os trabalhadores nos anos 70 e 80, acompanhei vários processos em que se impunha a prevalência do capital sobre os direitos social e trabalhista. É nesse mundo em que nós estamos vivendo que temos que dar conta e abrir o caminho da diferença. Quais são as conseqüências? O neoliberalismo não ganhou totalmente...

Eu pediria o seguinte: quem discorda, ouça e pondere, porque se não ouvir é muito preocupante, é muito grave. Há pessoas que querem ouvir pessoas que pensam de forma diferente. Se esse espírito de rejeição que prevalece aqui é inquietante, quer dizer que o diferente deve ser condenado mesmo! E foi por aí que o socialismo real se complicou. Se for essa a lógica, eu não aceito não, vou continuar falando aqui como socialista histórico, 50 anos de idade e 40 anos de compromisso com o povo brasileiro! Peço desculpas gente, peço desculpas, chegou ao meu ouvido uma palavra "pelego", mas me disseram aqui, que não houve nada disso, foi uma questão do som, então re-pactuamos... (aplausos).

O mais grave é que o problema do modelo neoliberal, conforme o interventor sério, não é de projeto. O modelo neoliberal

na derrocada do socialismo real, no momento do capitalismo triunfante, ganhou o coração e as mentes, talvez da maioria das pessoas. É só lembrar o processo de privatização no Brasil. Aquela idéia de que tudo que era público era ruim, a idéia de Estado-mínimo, a privatização do público, o domínio do mercado, a ênfase no indivíduo. Vivemos no individualismo, a ascensão social, do prestígio, a busca do dinheiro, de bens e de prazer, prazer como desfrute da vida, independente do nome, sem nenhuma dimensão ética, os apelos também consumistas numa sexualidade que já vem marcada por esta dimensão hedonista, passageira, momentânea. São esses os valores que estão operando. Daí a dificuldade, que compartilho com João Pedro, de reorganizarmos os movimentos populares porque houve toda uma estratégia ideológica, inclusive através da mídia, no sentido de quebrar, fragmentar, os movimentos sociais, sindicais, estimular o individualismo, a competição às últimas conseqüências, etc.

Enfrentamos outras questões nessa linha porque o neoliberalismo, além dessa devastação social e econômica que tem provocado, incidiu e incide no imaginário das pessoas. Como eu disse – e quero enfatizar a questão do imediatismo – as pessoas querem resultados em curto prazo. Aí perdem o fio da história. As pessoas perderam a dimensão histórica. Nós ouvimos pessoas dizendo assim: “Ah, não adianta. Eu não vou ver...” isso requer a quebra do compromisso com as gerações futuras. Essa é a idéia de que tudo tem que ser imediato. A ausência de projetos estratégicos, projetos de nação, a questão da competência como um valor em si mesmo, “o fulano é um trator, é um avião...” isso é resultado de se dissociar os objetivos dos procedimentos. É a velha questão dos fins justificando os meios.

Isso ocorre também no plano internacional. Não vou me aprofundar sobre isso, mas apenas registrar que temos uma interrogação: a hegemonia absoluta, assim como temos a hegemonia do capital sobre os valores sociais, no plano internacional nós temos a hegemonia dos Estados Unidos. O que isso significa?

Nesse quadro, quais são as linhas de retomada? Particularmente, estou convencido que nós temos que aproveitar esse mo-

mento histórico do governo do Presidente Lula. O que aconteceu no Brasil, em 2002, vai além da dimensão política, econômica e até mesmo social de curto prazo. Tem uma dimensão cultural e histórica. Os grandes acontecimentos políticos não se definem em um ou dois anos. Eles desencadeiam processos. Estamos vivendo, no Brasil hoje, com todas as contradições, um processo histórico absolutamente novo e se não percebermos isso, estaremos perdendo mais uma situação histórica de grandes avanços e conquistas. Vejo que, neste momento, devemos retomar os grandes valores éticos, da tradição cristã. É a hora de apresentar essa pauta para a sociedade brasileira. Como tem feito, o Presidente Lula, de uma forma extremamente criativa, mostrando os valores mais fortes da sociedade, no melhor da nossa tradição cristã e evangélica, os valores da solidariedade, da cooperação, do respeito. Temos que recolocar a questão da justiça. Gente, nós recolocamos no Brasil, depois de 20 anos, a questão social. O 'Bolsa Família' virou tema de discussão pública, depois de muitos anos, ao longo dos quais a televisão dava ênfase única e exclusivamente ao mercado, à bolsa de valores.

Vou colocar, então, os tópicos finais, em linguagem telegráfica: reconstruir a retomada de valores, recuperarmos os princípios e valores éticos, – o que vai além do combate à corrupção –, centrados no direito à vida. O direito à vida como núcleo de outros direitos, como os sociais e econômicos, que já mencionei aqui. Retomar, na linha que o Marcelo já colocou sobre a Utopia, a idéia do bem comum e da função social da propriedade e do lucro. O direito de propriedade é legítimo, mas não pode prevalecer sobre interesses superiores, da coletividade, da justiça social, do direito à vida. A idéia da partilha e da socialização dos bens. Penso que devemos discutir a questão do Estado, do Estado e da Sociedade, vincular a questão do Estado à questão da Nação. Devemos pensar em democratizar, socializar o Estado, e politizar, no sentido de projeto nacional para a sociedade. E, por último, um tema fundamental para nossa agenda: o que nós estamos fazendo no nosso governo? É claro que não estamos operando no vazio, há outros atores. É preciso vincular o desenvolvimento social ao de-

envolvimento econômico e se contrapor à metáfora do bolo, do “excluir para crescer”. O desenvolvimento social, a distribuição de renda e a justiça social além de serem valores éticos, morais e cívicos, também são fundamentais para o crescimento econômico. Garantem o chamado círculo virtuoso da economia, além de formar cidadãos e cidadãs, criar mercado interno, consumidores e consumidoras e de dar vitalidade à economia na perspectiva de também integrar todas as pessoas.

E, aí não há como negar que a direita, a burguesia, já descobriu, mas muitos setores populares ainda não. O Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, sem falar nos 7 bilhões do PRONAF e sem falar em outros recursos de outros ministérios, está colocando nas mãos dos pobres, 15 bilhões de reais por ano, por meio de ações como os Benefícios de Prestação Continuada para idosos e portadores de deficiências, (com base na ‘LOAS’ e no Estatuto do Idoso) e o programa Bolsa Família. Tenho escutado gente de direita, conservadores e empresários, porta-vozes deles, dizerem claramente: “Vocês estão gastando muito na área social”. Com o pobre é gasto, com o rico é investimento. Quem conhece a história do Brasil sabe como esse país sempre foi privatizado, sabe o que representa hoje, colocar 15 bilhões nas mãos dos mais pobres? Isso é distribuição de renda, isso é formar cidadania, isso é criar condições para novos avanços no futuro (aplausos).

Quero aqui fazer esse apelo: o programa Bolsa Família e os Programas Sociais do nosso governo estão sendo duramente confrontados por aqueles que querem se apropriar dos recursos públicos. E, muitos de nós, temos aquele discurso de que isso é “assistencialismo”, é “clientelismo”.

Para encerrar, quero dizer para vocês do momento de emoção vivido, como cristão, quando fomos discutir o orçamento, do nosso governo para 2005, na linha pela opção preferencial pelos pobres, da inversão das prioridades. O então Ministro do Planejamento, Guido Mantega, coordenou a reunião e colocou claramente o seguinte: “Temos dois programas prioritários no governo, portanto prioritários também para o Presidente, e esses programas

não serão executados em função dos recursos, os recursos serão disponibilizados em função das metas dos programas, inclusive das metas da ONU". Um deles é o Fome Zero, com o programa Bolsa Família que beneficiará 6 milhões e 500 mil famílias nesse ano e 8 milhões e 700 mil no ano que vem. Com isso, todas essas famílias já saem da linha da pobreza até 2006. A segunda prioridade é a Reforma Agrária, com recurso assegurado para o cumprimento da meta. Então eu pergunto a vocês, se um Presidente da República determina a discussão do orçamento com essas duas prioridades, não há alguma coisa nova, não está acontecendo algo diferente no país? Fica a pergunta, mas para o meu coração a resposta é sim.

E, a partir daí vamos avançar.

Muito obrigado!

Situação e perspectivas de nosso País

JOÃO PEDRO STÉDILE

Bom dia, companheiras e companheiros!

Estou muito feliz de estar aqui com vocês, porque sei que cada um que está aqui, compartilha a mesma utopia, que o nosso querido Marcelo Barros nos explicou, que é a de construirmos uma sociedade igualitária, justa e fraterna, neste mundo em que vivemos. Sei que cada um de nós tem o compromisso de colocar as suas energias para organizar o povo para transformar essa sociedade. Agradeço a oportunidade que a comissão organizadora me deu, pois estive apenas no I Encontro em Santo André, uma vez que os outros dois coincidiram com outros compromissos assumidos que impossibilitaram a minha participação nos mesmos.

Queria aproveitar o privilégio de estar com tantos companheiros e companheiras, para compartilhar com todos os presentes a minha visão sobre a situação política, econômica do Brasil. Porque, como todos os profetas e pensadores nos ensinaram, é preciso primeiro conhecer a realidade, interpretar as suas contradições para poder transformá-las. Portanto compartilharei alguns elementos para que depois vocês possam fazer suas próprias análises da conjuntura da nossa sociedade. Temos debatido esses elementos no MST, na Via Campesina, na Coordenação de Movimentos Sociais, e, agora mais recente num amplo movimento de coalizão, com praticamente todas as forças sociais e pastorais que atuam no meio rural na realização da nossa Conferência Nacional de Terra e Água, recentemente em Brasília.

I - Os antecedentes históricos

Qual é a leitura que estamos fazendo deste momento?

Nós dizemos que a sociedade brasileira passa por um momento histórico muito complexo, muito difícil de ser interpretado e analisado. Por que é tão complexo? Porque se acumularam num período histórico muito curto, diferentes fatores problemáticos da nossa sociedade. Em primeiro lugar, a nossa sociedade vive uma carência de projeto político e de modelo econômico. A rigor as elites brasileiras, implantaram um projeto econômico, chamado de 'nacional-desenvolvimentismo' que vigorou entre 1930 e 1980, e que tinha o benefício de congregar as energias da sociedade para industrializar o país. Mas por ser um projeto capitalista, trouxe dentro de si a perversidade da concentração de capital e a desigualdade social. Isso fez com que na década de 80, nós entrássemos numa crise, crise de modelo, de como organizar a produção para resolver as necessidades de nossa sociedade.

O primeiro efeito da crise foi a derrubada da ditadura militar. Achávamos que pelo o caminho da democracia burguesa formal, renovada a cada dois anos, resolveríamos o problema do projeto e não resolvemos. A crise foi aumentando e na década de 90,

as elites se articularam ao redor do Collor e do FHC e tentaram implantar um novo projeto, que depois se revelou não ser o projeto, que são as políticas neoliberais. O Neoliberalismo não é um projeto, mas ele é bom. Como disse o Marcelo, é importante entender o significado das palavras. Neoliberalismo significa novas liberdades para o capital. E as elites brasileiras tomaram o Estado brasileiro para aplicar na sociedade, liberdade total para o capital. Foi isso que Collor e FHC fizeram em doze anos. O que mudou para o povo, só piorou as condições de vida.

Percebendo a perversidade do neoliberalismo vieram as eleições de 2002, e o povo votou contra o neoliberalismo, colocando suas esperanças no governo Lula. Mas o governo Lula se elegeu numa conjuntura de luta social em nosso país em refluxo, acaçapados que estávamos pela força preponderante do capital, que privatizavam, que acabou com o estado, que tirou os direitos trabalhistas, e, isso foi deixando o povo recuado. De maneira que nós tivemos sorte ao ganhar as eleições em 2002. Porque reza a tradição das lutas sociais populares, segundo um grande historiador marxista, o maior deles, Eric Hobsbawm que ainda está vivo: “eu não entendo: como que a esquerda ganhou as eleições no Brasil?” Sempre as esquerdas ganham na promoção das lutas sociais, dos movimentos de massa. E nós estávamos em refluxo destes movimentos e mesmo assim ganhamos as eleições”.

Isso impôs dois condicionantes, primeiro que o povo não votou num projeto alternativo. O povo só votou contra o neoliberalismo. E vocês são testemunhas, sem querer falar mal de ninguém, que a campanha presidencial não debateu projetos para a sociedade, a campanha presidencial esteve sob a égide dos marqueteiros, e o único objetivo acabou sendo ganhar as eleições e não construir um projeto pra a sociedade.

O segundo condicionante, é que para o PT ganhar as eleições teve que fazer alianças com as elites. O governo assume o poder, que não é bem o poder, mas se constrói um governo de composição. Hoje temos ministros de direita, claramente identificados com a manutenção dos privilégios do capital, claramente comprometidos com a continuidade do neoliberalismo. (aplausos)

O simples fato do presidente do Banco Central, ser ex-presidente de um dos maiores bancos do mundo, o Banco de Boston, que tem uma módica aposentadoria de 700 mil dólares anuais, já é um tapa na cara do povo brasileiro! (aplausos) Além de demonstrar claramente a quem ele serve.

Mas nós temos também ministros de centro, as “maria-vai-com as outras” que ficam esperando o vento, o que para eles é um exercício de purgatório. E existem ministros de esquerda, como o nosso querido Patrus, aqui ao meu lado. (aplausos)

II - A natureza do governo Lula

Então vamos combinar entre nós. Nós estamos num governo de composição, um governo de centro, não é um governo de esquerda, nem um governo dos nossos sonhos. Acho que assim fica mais fácil de interpretarmos, a nossa relação como militantes sociais, como movimentos sociais, em relação ao governo. Se não, nós caímos em dois desvios, um é o desvio idealista que acha que tudo virá do governo, então ele espera tudo do Lula. Se o Lula não faz, então é aquela decepção. É como “o filho que espera do pai uma balinha, se o pai não dá a balinha, corre para o canto e chora”. O outro desvio é o sectarismo, “ah! o Lula não está fazendo, nos traiu, já se bandeou para o imperialismo, etc. e tal.” Nós acreditamos que nenhuma das duas opções é a correta. Nós acreditamos que temos um governo de centro, onde há ministros que querem mudanças radicais e onde há ministros que querem a manutenção dos privilégios do capital.

Bem, por que essa situação se agrava? Porque infelizmente os ministros neoliberais na composição do governo abocanharam a área econômica. E a área econômica continua implementando uma política neoliberal, com a política que prioriza altas taxas de juros para os bancos, que prioriza o “superávit primário”. Essa palavra é desgraçada, inventada pelos meus colegas economistas, para enganar o povo, porque a palavra certa é sobra de caixa! E é uma sobra de caixa que o governo recolhe de todo povo na forma de impostos. O governo recolhe ao todo uns 300 bilhões de reais,

e na hora de devolver parte desse dinheiro ao povo, na forma de serviços públicos, de saúde, educação e reforma agrária, os banqueiros dizem “essa parte é minha”. E ficam com aproximadamente 120 bilhões de reais, todos os anos. E o governo, através desse “superávit primário” imposto pelo FMI, destina esses recursos que são do povo, para pagar os juros da dívida interna. E quem são esses credores da dívida pública interna? São 8 mil pessoas físicas e jurídicas, que são credores de 88% dos títulos da dívida pública interna. Então vejam os mecanismos perversos de concentração de renda. O governo recolhe impostos de todo mundo, monta lá o “superávit primário” e aí pega o dinheiro dos 180 milhões de brasileiros e entrega ao ano para 8 mil!! O Palocci é médico e parece que não sabe disso, mas a política econômica desses dois anos, foi a política que mais concentrou renda nos últimos 50 anos no Brasil!!.

As estatísticas, cada um usa como quer. O governo pode dizer que deu 10 bilhões de reais para o Bolsa-Família, mas aqui entre nós, quando realizarmos o X Encontro de Fé e Política daqui cinco anos, quando tivermos as estatísticas finais desse período de 2003-2006 vocês serão testemunhas de que será um período de altas taxas de concentrações das riquezas e de renda do país.

Segundo a política que prioriza as exportações, nenhum país se desenvolveu exportando. Toda essência da política econômica deve organizar a economia para atender às necessidades do povo. (aplausos)

Então, nós podemos crescer na economia com base nas exportações. Mas apenas 50 empresas, na maioria multinacionais, controlam a maioria das exportações, mais de 60% de todas as exportações brasileiras!! Elas crescem, ganham dinheiro e o povo continua na mesma. Então, para quem serve aumentar as exportações? Para europeu, chinês, americano viver melhor, para ter uma transferência de renda, que paga em dólar, que volta como pagamento de juros da dívida externa. E nós continuamos com a taça de maiores exportadores mundiais de soja. Para quê?

Então, nós dos movimentos sociais, estamos convencidos e estamos dizendo todos os dias, publicamente e nos jornais que é

preciso que o governo mude a política econômica, porque essa política econômica é perversa e injusta e para nós cristãos, é anti-evangélica, porque privilegia os ricos tirando o dinheiro dos pobres. (aplausos)

Bem, qual é o agravante nessa situação que aqui eu me referia, uma política com uma situação complexa?

É muito fácil vir aqui e criticar o Palocci e o presidente do Banco Central. Esse é meu esporte favorito. Essa é até minha obrigação, a de denunciar os responsáveis por essa política. Mas isso não resolve os problemas. É muito fácil jogar a culpa no governo. O que quero dizer com isso é que, a própria situação do governo depende de uma correlação de forças com a sociedade. Se o povo não tiver força acumulada na sociedade, nós não conseguiremos construir as mudanças no governo. Então a conjuntura se transformou em complexa, porque os conservadores abocanharam os ministérios da política econômica, além de manterem uma política neoliberal que só interessa a eles. E o povo continua numa situação de refluxo dos movimentos de massa. Não há acúmulo de forças sociais suficientes para nós conseguirmos pressionar as elites e o governo, para que se apliquem políticas econômicas de fato de mudança. Então nós temos de um lado as forças conservadoras hegemonizando as políticas econômicas, de outro lado, nós temos um refluxo dos movimentos de massa. Um povo sem força, sem estar mobilizado e organizado.

E, como que completando esse tripé da tragédia, nós temos uma crise da esquerda. A Esquerda brasileira, e aí eu fico me segurando pra não dizer nome feio.... Nós estamos no fundo do poço, há uma dispersão generalizada. Nós somos especialistas em falar mal de nós mesmos, e esquecemos que o verdadeiro inimigo é a burguesia, é o imperialismo, é o capital. (aplausos)

III - As saídas

A Esquerda brasileira abandonou os valores do socialismo, do humanismo, do companheirismo, da solidariedade e da luta de massas. É um “pega-pra-capar”, “é cada um por si e o resto que se

vire”, é anti-política o que a esquerda pratica. Esquerda, deveria ser a prática da política dos interesses da classe trabalhadora, baseada no companheirismo e na solidariedade, para construir um projeto de mudança. A Esquerda então, para falar de nós mesmos, não tem um projeto de transformação desse país, por isso fica igual barata tonta, sem saber aonde bater e com quem se aliar.

Bem, já falei mal de todo mundo...

Quero agora, para finalizar, apenas compartilhar algumas reflexões que temos feito nesses espaços de engajamento sobre o que fazer, sem ter a pretensão de descrever as fórmulas das saídas.

Primeiro lugar, é preciso ter na mente, que a única força capaz de mudar o governo e a sociedade, é a do povo organizado. Não há outro caminho... (aplausos)

Então esse deveria ser o parâmetro para nós. O que eu vou fazer ajuda o povo a se organizar ou não? O que estou fazendo ou dizendo ajuda o povo a se organizar ou não? Esse é o parâmetro que deveria ser incorporado a nosso comportamento na política, todos os dias e nos movimentos em geral.

E para organizar o povo, meus queridos companheiros, **primeiro** é preciso recuperar o trabalho de base. Ninguém mais tem paciência de fazer reunião pequena, no bairro, na fábrica ou lá no colégio. Todo mundo só quer dar discurso em evento grande. É preciso recuperar o trabalho de base, senão nós não vamos organizar o povo. (aplausos)

Segundo, é preciso elevar o nível de consciência política e cultural de nosso povo. Nosso povo hoje é refém da Rede Globo, o que noticia a Globo, vira verdade. Isso é símbolo de atraso. O povo tem que ter consciência, conhecimento, cabeça própria para julgar e interpretar os fatos e isso é papel “do fermento na massa”, porque o povo, por si só não vai descobrir, se não eles tinham feito mudanças há muito tempo atrás e, nem precisava de nós. O papel nosso é o de elevar o nível de consciência política, ideológica e cultural do nosso povo. Vejam o que aconteceu recentemente e que reflete a falta de consciência do povo. Foi feita propaganda na tele-

visão pela Força Sindical e até por setores de esquerda de que o “bingo era solução para o emprego!!”

E o governo não teve a coragem de fechar! Bingo é uma vergonha para a nossa sociedade! Isso é um atraso cultural do nosso povo (aplausos).

Terceiro, nós precisamos dedicar tempo para formar militantes, formar quadros, não apenas para que no próximo Encontro, tenhamos 20 mil participantes a mais. Vamos multiplicar muito mais gente, porque “a princípio, a tarefa é grande e os operários são ainda muito poucos”! Um projeto de transformação da sociedade exige milhares de companheiras e companheiros, engajados diuturnamente numa mesma missão, num mesmo projeto. E para isso precisamos formá-los, como militantes, como missionários.

Quarto, nós precisamos estimular a luta social. O povo só aprende lutando, não aprende em reuniões ou comícios, ou na missa. Na missa ele aprende a refletir. O povo aprende nas ruas, lutando! Só vai haver reascenso do movimento de massa, se o povo lutar, se as categorias se mexerem, se houver mobilizações de massa.

Quinto, nós temos que recuperar entre nós, na Esquerda e na Sociedade, a defesa dos valores socialistas e humanistas, porque é esta a marca, é este o projeto de mudança. Não adianta nada, discutir o socialismo em teoria, e ao mesmo tempo estimular os desvios do individualismo, do oportunismo. E ficar satisfeito com minha vidinha de pequeno burguês, ganhando bem mais do que a maioria, tendo secretária, celular, etc. Nós temos que praticar cotidianamente os valores, do companheirismo, da solidariedade, da indignação contra qualquer injustiça. Eles são as bases éticas de um projeto de todos. Não adianta esperar pelo futuro, porque a construção de novos valores é todo dia! E é isso que vai construir a base ética de uma nova sociedade.

Por último, nós temos que estimular o debate de um novo projeto para o país! Senão nós não vamos resolver essa crise tão complexa. Não adianta sequer puxar o governo mais para a es-

querda, tirar o Palocci e colocar o Chico Alencar como Ministro da Fazenda, a solução não vai ser pessoal, precisamos puxar o governo para esquerda, mas é insuficiente.

A verdadeira solução é mobilizarmos toda a sociedade para que ela, conscientemente discuta, que projeto queremos para o nosso país!

Muito obrigado! (aplausos)

2. Mística e espiritualidade



Frei Betto e Dom Tomás Balduino.

DOM TOMÁS BALDUINO

A Carta de São Paulo Apóstolo aos Romanos: *“Irmãos e irmãs, chegou a hora de acordar, a noite já vai avançada e o dia já vem chegando. Deixemos de lado as amarras da escuridão e vamos vestir as armaduras da luz”*. Esta ocasião vai ao encontro com o advento. O tempo mais rico da caminhada litúrgica, mais denso, mais treino do amanhã... O advento é à noite, mas com a

certeza de que o dia já vem chegando! E o Encontro aqui toma como lema as utopias, é tempo.

O Marcelo explicava ontem uma compreensão igual, uma profecia. Advento não é só um convite, é o futuro que já está presente. É interessante que podemos perceber isso mais na noite, na noite escura, quando as coisas não estão nada claras. Parece que vem mais forte por causa da ansiedade pela luz, a clarividência. A noite se torna clara como o dia. E, isto está escrito na história, o Padre Comblin tem um livro bonito, que valeria a pena meditar, intitulado "*É o caminho*", em que há um longo capítulo chamado "Esperança". Ele insiste em dizer que a esperança é profundamente histórica, mas ligada à história de Abraão, que é uma história concreta. Afirma ainda que Jesus não foi apocalíptico, foi histórico. O Reino que ele anunciou não era um Reino dos últimos tempos, o Reino de Deus está no meio de vocês. E, ele é contradição, esse Reino inclui o anti-reino. É como uma lavoura, uma plantação, que inclui a praga. Hoje sim, na pregação de Jesus, incluir a praga não é para eliminar, não é para matar os diferentes dos outros, é para conviver. É assim que o Reino avança, é assim que ele é profecia. Na fala do Marcelo vocês se lembram, que a profecia é compromisso. É compromisso de engajamento, não é só anúncio bonito, litúrgico, cantarolado, aleluiado. É compromisso de vida ou de morte. Isso é que é profecia, isso é que é o retrato de Jesus.

Para este Encontro a coordenação teve uma feliz idéia, a de trazer a memória e a pessoa de Dom Evaristo Arns. Eu queria comentar um pouco isso, porque está na conjuntura em que nós vivemos. Outra memória é a de um homem da Igreja e da sociedade, que foi proibido na Igreja e na sociedade, o Leonardo Boff. Um homem que foi vigiado e controlado, como dizia Dom Pedro Casaldáliga: "no templo e no pretório", é preciso dizer isso. E ele como um membro da Igreja ficou reduzido ao centro de São Paulo. O pessoal dizia ironicamente que deixaram para ele o cemitério central. E, na política, foi proibido de falar. Memória também de Dom Helder, que o pessoal apresentou aqui. Acredito que é muito importante isso, para mostrar homens que não abandonaram o Reino, que não inventaram fundar outra Igreja porque ti-

nham dificuldades na Igreja deles, e que continuaram firmes e perseverantes. Esse é o testemunho de Dom Paulo, que enfrentou o poder militar '*Brasil Nunca Mais*'. Esse é o testemunho que nós vamos guardar profundamente em nossos corações. Isso nos leva à espiritualidade, tal como este momento de reflexão espiritual que estou fazendo junto à realidade em que vivemos. Utopias nas realidades atuais. Seria muito cômodo se o nosso encontro ficasse assim em generalidades, mas não, aqui se foi descendo à realidade concreta dos dias de hoje. Eu pude captar, andando aí pelos grupos em estudo e debate, olhando e escutando a reação. Há um consenso nesta profecia, na denúncia e no anúncio, e é isso que gostaria de falar neste final de colocação. A profecia denuncia e anuncia, e nosso encontro se torna profecia porque há um consenso entre nós aqui na leitura da situação em que estamos vivendo.

Então se me permitem, tenho aqui em mãos, um resumo do Plínio de Arruda Sampaio Junior, como denúncia, que diz assim, com visão clara da realidade da conjuntura: "Não há nenhuma evidência de que o governo Lula pretenda promover a mudança no rumo da política econômica". Isso é um consenso, isso é clareza. "Sem forças para enfrentar os grupos econômicos e sociais internos e externos, que sustentam o espaço neoliberal, Lula encontra-se integralmente enquadrado aos marcos do liberalismo. Nestas circunstâncias a política econômica só será questionada se houver uma grave crise internacional que coloque em questão a própria sobrevivência da ordem global ou se houver uma grave crise social-política-interna que modifique substancialmente a correlação de forças em nosso país". Agora o anúncio vem do começo do texto, com a permissão de vocês, anuncio que há perspectivas, propostas, saídas. "Evidentemente, uma política econômica alternativa exigiria uma profunda mudança na correlação de forças, portanto, as forças populares devem evitar o equívoco de acreditar em milagres no governo Lula, bem como em qualquer outro governo, e acabar desperdiçando a rica oportunidade histórica de debater um novo projeto para o Brasil" (aplausos).

Eu acredito que está aí, uma saída para nós do IV Encontro de Fé e Política: um novo projeto, assumido por todos nós, nem

que seja preciso ressuscitar o nosso querido economista Celso Furtado (aplausos). Para a abertura de novos horizontes, estamos aqui em clima de advento, em clima de despertar, em clima de vigilância, como muitas vezes Jesus recomendava. A abertura de novos horizontes para o povo brasileiro depende da construção de uma correlação de forças com os gigantescos bloqueios que condenam a sociedade brasileira à dependência e ao subdesenvolvimento, ao julgo das finanças internacionais sobre a economia brasileira e o manto despótico da burguesia urbana e rural sobre a classe trabalhadora. A história do Brasil ensina que só a pressão social e baixa, de baixo para cima, é capaz de promover os interesses das classes populares, logo não pode haver ilusão. O povo brasileiro não deve esperar nenhuma transformação social que ele não possa conquistar com as próprias mãos. Eu assino em baixo. (aplausos)

Mais um detalhe que vale a pena ressaltar, é o fato de que gostei muito de conversar com Chico Alencar, que está aí no meio de vocês. Gostaria muito que todos pudessem também ler e manusear o que ele coloca, fazendo uma abertura sobre as eleições quando declara que: “O PT saiu arranhado das eleições, aconteceu muita coisa com o PT”. Há muita história aí, digo a vocês petistas, mas ele ainda diz o seguinte: “Mas o pulso ainda pulsa”, ele poderia dar o fora para dar fim a isso e até formar um novo partido, mas está lá dentro. É sinal de contradição. É pedra no sapato. Parabéns por isso Chico! (aplausos).

A tarefa que está colocada, portanto, é retomar a nossa identidade. Ou o nosso PT volta a ser o nosso PT, ou perde. Não aceitamos o abandono silencioso da cultura petista, que foi construída coletivamente, na tumultuada e rica luta das idéias. Cito ainda mais este pedacinho: “Queremos o debate plural e coletivo e não a arrogância dos que mandam na burocracia partidária, a partir das fortalezas do poder de Estado”. (aplausos)

Finalizando, reforço a necessidade de insistir na reorganização da sociedade civil, pois até agora estávamos muito confortáveis para o Estado e muito esperançosos de que tudo viesse do Estado, talvez essa crise nos leve ao lugar onde nós deveríamos

estar continuamente trabalhando, que é a sociedade civil. Quem sabe, o fruto desse IV Encontro de Fé e Política, como resolução espiritual, seja sair daqui convertidos às nossas bases, aos nossos conselhos, às nossas organizações, às nossas articulações. Como disse Stédille em uma análise muito lúcida feita ontem, sobretudo dessa parte de saída: “como organizar o nível de consciência popular, que eleva o dia-a-dia?” Nós temos que trabalhar na formação e dar um pouco mais da nossa energia nisso. Retomar os valores culturais, sociais, religiosos, da cultura, da festa, da alegria da nossa condição de brasileiros. E ter um novo Projeto. É essa a conclusão de nosso retiro espiritual. – (aplausos) – Se o Baiano estiver aí, vamos preparar o Advento com a música “Anunciação” de Alceu Valença. “Levantem as cabeças, porque a salvação se aproxima!” dizia Jesus.

FREI BETTO

Bom dia para todos e todas!

Palmas para toda essa equipe de Londrina que nos acolheu e preparou esse Encontro. (aplausos)

Também quero pedir uma salva de palmas para a Coordenação Nacional de Fé e Política, especificamente, representando a Coordenação, à companheira Malu. – (aplausos) – Sem esquecer de sua filha Letícia.

Uma salva de palmas a uma pessoa que representa, de maneira muito especial, os fundadores do Movimento de Fé e Política, pela sua consagração ao Movimento, às Comunidades Eclesiais de Base, às Pastorais Populares, ao trabalho de base. Trata-se do irmão Antônio Cechin. (aplausos) É muito fácil estar na luta quando se é jovem. O difícil é chegar à idade do Cechin ou aos 80 anos de Dom Tomás Balduino e continuar com esperança! (aplausos)

Gostaria de dedicar minha exposição a seis mártires brasileiros. Peço que fiquemos todos de pé para fazer um minuto de silêncio aos cinco sem-terra assassinados em Felisburgo (MG), e que o sangue deles faça apressar a reforma agrária nesse país. E dedico também a Carlos Marighella, que se estivesse vivo estaria completando, hoje, 91 anos de idade.

O que é espiritualidade, do ponto de vista da experiência religiosa, que nos conduz à mística? Espiritualidade constitui o fundamento, a base, a motivação de nossa vida interior, subjetiva. Dentro do Cristianismo existem várias famílias espirituais. No Catolicismo temos as espiritualidades: dominicana, beneditina, franciscana, jesuítica, das filhas de Maria, dos congregados marianos, dos carismáticos, enfim, uma variedade enorme de tradições ou motivações espirituais, nas quais cada um busca as suas referências. É o poço onde cada um de nós bebe e se abastece na vida espiritual. Também na tradição protestante (luterana, metodistas, neopentecostais, pentecostais etc.).

A espiritualidade é o nosso verdadeiro eu, que muitas vezes não conseguimos vivenciar. Esse eu, na verdade, é um Outro Eu, que está sempre dizendo para nós qual é o rumo certo de nossa vida. É Deus. São Tomás de Aquino dizia que quanto mais eu penetro na minha interioridade em busca de mim mesmo, mais encontro um Outro que não sou eu, mas que revela o meu verdadeiro eu. Talvez seja essa uma das razões pelas quais às vezes fugimos da oração, com medo de olhar cara a cara o nosso verdadeiro 'eu', pois quando encontramos o nosso verdadeiro 'eu', tomamos consciência de que é hora de mudar o rumo da vida.

A palavra conversão é uma categoria de trânsito. Eu vinha por aqui e, agora, devo que tomar aquele rumo. A oração faz ter consciência, mas muitas vezes deixamos de rezar para evitar essa consciência de mudança de vida.

Qual deve ser a nossa espiritualidade? Há muitas outras tradições religiosas: mulçumanos, judeus, budistas, tradições africanas como candomblé, indígenas como o Santo Daime. Cada fiel encontra referências dentro de sua tradição. Mas no universo dos

cristãos, entre tantas espiritualidades, o melhor é ficar com a de Jesus. Qual é a espiritualidade de Jesus ?

Jesus tinha fé como nós temos fé. Muita gente, por cateque-se equivocada, imagina que Jesus era homem por fora e Deus por dentro, e a consciência dele estava diretamente ligada, como uma televisão acesa, com Deus Pai. Isso é pura mitologia! Tanto Jesus tinha fé que ele teve crise de fé: “Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?!” A maior prova do Evangelho de que Jesus tinha fé como nós temos é que ele dedicava longas horas do dia para oração. E quem tem a visão direta de Deus não precisa rezar. Só precisa rezar quem precisar aprofundar a sua relação de intimidade com Deus.

A oração é para o cristão, o que a relação sexual é para o casal que se ama. O casal que se ama e não tem momentos de intimidade é como o cristão que diz que ama a Deus e ao próximo, mas não reserva momentos de intimidade com Deus. Esse momento de intimidade com Deus chama-se oração.

No Evangelho, Lucas registra que “Jesus se levantou muito cedo e foi a um lugar deserto para orar” e “Jesus subiu ao monte e passou a noite toda em oração”. Nós, século XXI, perdemos a comunhão com a natureza, e ao contrário dos povos indígenas somos escravos do tempo, trazemos as algemas do tempo no pulso, onde ele está dividido em horas, minutos e segundos. Não sabemos “perder” tempo com Deus. Cada vez mais, oramos menos. Perdemos a dimensão de gratuidade do amor de Deus. Imagine você dizer à sua filha: “Você ontem ficou muito tempo namorando. Vai lá, conversa com ele tudo que você tem para conversar, e volta para casa”. Ou perguntar: “Por que você ficou namorando 3 horas?” Fazemos isso com Deus. Nós ocidentais, escravos do tempo, não sabemos dispor de tempo para desfrutar da experiência amorosa de Deus. Falamos de Deus, falamos sobre Deus, rogamos a Deus, suplicamos a Deus, mas não deixamos Deus falar em nós.

Um dos maiores desafios da vida espiritual é reservar, em nosso dia-a-dia, tempo para curtir o amor de Deus, assim como achamos um tempo para comer e dormir. Essas duas coisas estão

na dimensão da necessidade, enquanto namorar Deus está na dimensão da gratuidade.

Nosso século ensina que tempo é dinheiro e só se deve gastar tempo com aquilo que vai ter proveito imediato e palpável. Uma de nossas maiores dificuldades é abrir, em nossas vidas, espaço para a oração.

Deus nos ama apaixonadamente

A catequese, até a poucos anos, nos formava nessa idéia de que Deus habita o alto de uma montanha, Deus que é santo e puro, e só sendo santo e puro para merecer me sentir próximo de Deus. Deus está lá em cima e devo subir a escada que me conduz a ele, escada que tem muitos degraus, e que podem ser chamados de virtudes morais. Subo a escada, mas como sou pecador rolo para baixo, me arrependo, prometo a eu mesmo melhorar de vida e, de novo, retomo o caminho da subida, mas rolo novamente para baixo. É o que os gregos chamavam de “mito de Sísifo”. Sísifo era um homem que tentava levar uma pedra para o alto da montanha, mas a pedra era mais pesada do que o corpo dele, e cada vez que ele subia, a pedra o obrigava a voltar para baixo.

Essa idéia, de que preciso ser santo para estar próximo da santidade de Deus, é estranha ao Evangelho. É própria da espiritualidade pagã. O paganismo é uma religião. Muitos acham que pagão é aquele que não tem religião. Os pagãos tinham seus deuses: Afrodite, Apolo, Júpiter etc. Essa é a espiritualidade da ‘meritocracia’, do mérito. Porque sou santo, mereço o prêmio chamado Deus.

O Evangelho mostra a espiritualidade de Jesus na direção inversa, ele que não veio para os santos, mas para os pecadores. Ou seja, não há montanha, nem há Deus lá em cima, o que há é um Deus que nos ama, profunda e radicalmente, com amor incondicional. Não porque merecemos, pois a questão não está em nós, porque Deus é amor. Se Deus deixasse de nos amar, ele se negaria como Deus. O amor de Deus é absolutamente incondicional. Na nossa liberdade nós nos abrimos mais ou menos para esse amor.

Quem melhor retrata isso é o livro do profeta Oséias. Oséias era hebreu e casou-se com uma mulher pagã chamada Gomer. Ela vinha de uma outra tradição de valores, de uma outra espiritualidade. O casamento deles, como muitos casamentos, caiu na rotina, marido e mulher esqueceram que eram amantes, viraram parentes. Gomer abandonou a casa, se separou de Oséias. Então ele se deu conta de como gostava dela. Ela se casou com um vizinho, e ele ficou apaixonado por ela. Porém, ela se separou do vizinho e se casou com outro e ele ficou com uma dor de corno daquelas bravas. De casamento em casamento, ela acabou se degradando e se prostituindo. Ele ficou mais apaixonado ainda pela mulher. Ela se degradou tanto, que foi vendida como escrava na praça do mercado da cidade. Oséias foi lá e arrematou a mulher. Como a Bíblia é também um livro de poesia, diz o texto bíblico de forma muito poética: "... e levou-a ao deserto e falou-a ao coração" (Os 2, 16). O que a história de Oséias quer nos ensinar? Assim é o amor de Deus, nada o que façamos fará com que Deus deixe de estar apaixonado por nós.

Qual a melhor definição para a espiritualidade de Jesus, que vivia essa dimensão amorosa com o Pai? O judeu, na época de Jesus, não pronunciava o nome de Javé. Por considerá-lo tão sagrado, o nome de Deus era impronunciável. Jesus, que tinha uma espiritualidade forjada nessa intimidade por meio de oração, de tal maneira se sentia íntimo de Deus que o tratava de "Pai", utilizando uma das poucas palavras em aramaico – a língua falada por Jesus – que aparece no Evangelho: "Abba", que significa 'meu Pai muito amado, muito querido'. Assim Jesus tratava Deus, com muita intimidade amorosa.

A espiritualidade de Jesus era a espiritualidade do conflito, e deve ser a espiritualidade de fé e política. Se você entrar numa livraria católica e procurar a seção de espiritualidade, encontrará uma porção de santinhos, folhinhas, cartazes com fotos de bosques maravilhosos, montanhas iluminadas, lagos paradisíacos, veredas atravessadas por raios de luz, todos como símbolos de espiritualidade. Quando entro numa livraria dessas, penso no meu povo lá da pastoral do ABC. Estariam todos perdidos? Porque nin-

guém pode se dar ao luxo de curtir essas maravilhas, a menos que se compre uma passagem para a Suíça e passar uns tempos por lá. Onde encontraremos lagoa tranqüila, bosque com o solo coberto de folhas que caem no outono, montanha com neve, como símbolos de espiritualidade?

Quando abrimos o Evangelho o que vemos na vida de Jesus? Lagoa paradisíaca, montanha com topo de neve? Não! É conflito do começo ao fim. Começa antes dele nascer, com a suspeita de que Maria tinha transado com outro antes de casar com o noivo dela, que era José. É muito bonito preparar o presépio e comemorar isso. Mas se coloque no lugar de José e Maria! Numa sociedade em que o adultério era punido com apedrejamento, José, que gostava tanto da mulher, para não ter de acusá-la, como diz no Evangelho, preferiu “fugir às escondidas”. Pois, caso contrário ela correria o risco de ser apedrejada, e ele não queria ser testemunha disso e nem ser o acusador. Até que Deus fez José entender que aquilo era o início de uma espiritualidade conflituosa.

Toda a vida Jesus, de ponta a ponta, é cheia de conflitos. O que dava a Jesus o rumo, a certeza de que, apesar de toda a incompreensão e perseguição, ele estava no caminho certo? Na vida de Jesus – e aí entra a dimensão da mística –, reinava a soberania de Deus. Esse é o místico. Mística é toda pessoa que elegeu como fator determinante de sua vida, a vontade Deus e o projeto de Deus na história, no caminho de Jesus.

A espiritualidade de Jesus se compunha de dois elementos, um vertical, a intimidade com Deus; e outro horizontal, o seu amor, a sua relação com os outros, sobretudo com os pobres. E amor para Jesus não era mero sentimento. Amor, no Evangelho, é uma motivação que se traduz em ação de justiça. Só há amor quando há um fruto de justiça. Por isso Jesus estava amando quando pegou o chicote no Templo. O amor dele exigia a prática da justiça. Toda a vida de Jesus era essa radical opção pelos mais excluídos da sociedade. Essa é a maior revolução cultural que o Evangelho propõe. Ainda estamos longe de chegar lá. Para Jesus, o sujeito podia ser cego, surdo, mudo, paralítico, ter hanseníase, não importava, ele era templo vivo de Deus.

Não é fácil ver no próximo o templo vivo de Deus. Infelizmente nosso olhar está demasiadamente contaminado por essa sociedade capitalista, baseada na competitividade, no egoísmo, na soberba e na arrogância. Porém, existem pessoas capazes de ver no outro o templo vivo de Deus. Há pouco tempo um advogado de São Paulo me deu este testemunho. A irmã dele foi seqüestrada. Ficou nas mãos dos seqüestradores durante três dias. Podemos imaginar o que essa mulher sofreu. Depois de três dias sem que a família pagasse o resgate, porque não tinha recursos, e devido ao fato de que a polícia estava chegando perto dos seqüestradores, ela foi solta e levada direto para o hospital. Quinze dias depois, os seqüestradores foram presos. O delegado chamou o advogado, mostrou os bandidos e perguntou a ele: “Doutor, o que deseja que façamos com eles? Por onde quer que a gente comece a usar o ferro quente neles?” O advogado reagiu: “Se os senhores encostarem um dedo neles, vou denunciá-los à Corregedoria de Polícia”. E não admitiu que eles fossem torturados. Perguntei para esse rapaz como ele pôde agir assim. Ele disse: “Procuro olhar as pessoas, seja quem for, como templo vivo de Deus, e sempre penso que, se eu tivesse nascido na condição daqueles caras, possivelmente era eu que estaria ali como seqüestrador”.

A política como ferramenta do Reino

O desafio é justamente unir essas duas dimensões de espiritualidade, da mística de Jesus – o amor do Pai no amor ao próximo –, dentro da grande utopia que direciona a vida de Jesus e a construção do Reino. Hoje, falar de construção do Reino não quer dizer nada. Mas imagine falar do Reino que não é de César dentro do reino de César. Por isso, Jesus foi preso, torturado e condenado à pena de morte da época, como subversivo, porque anunciou um outro Reino dentro do reino de César. E que não era qualquer reino, era o Reino que iria superar, abolir, o reino de César.

Às vezes alguém me pergunta: “Você não mistura demais fé com política?” Respondo: “Sou discípulo de um prisioneiro polí-

tico”. “Como assim?” “Sou discípulo de Jesus!. Ele não morreu nem de hepatite na cama, nem de desastre de camelo numa esquina de Jerusalém. Morreu como preso político, sob dois processos políticos. E como você vem me dizer que o cristão nada tem a ver com política?”

“A política é o modo mais perfeito de caridade”, dizia o Papa Paulo VI. Através de minha generosidade posso doar um prato de comida para um pobre. Mas através de um “Fome Zero” posso acabar com a fome e a pobreza.

É muito importante centralizarmos a nossa espiritualidade na de Jesus, e bebermos dessa espiritualidade a motivação mística da nossa prática política. Temos um amplo leque de opções políticas, partidárias ou não. Devemos é evitar a cilada de ter nojo da política, pois quem tem nojo da política é governado por quem não tem. E, na política, muitos que não têm nojo da política, querem que a maioria tenha nojo, para que eles fiquem à vontade, aprontando todas as ‘maracutaias’.

Governo Lula

Muitos me perguntaram por que estou deixando o governo Lula. Há quem pense que sou militante do PT. Nunca fui militante partidário. Há quem pense que sou padre. Nunca fui padre. Sou frade, religioso, mas não recebi o sacramento da ordem, não fui ordenado sacerdote. Não sou militante do PT, nem desprezo o PT. Comecei na militância muito cedo, aos 13 anos. Aprendi a ser militante e não “militonto”. O que é ser “militonto”? É o militante que se gaba de participar da CUT, do PT, do movimento popular, da pastoral. A maioria dos “militontos” que encontrei na vida, ao chegar à idade adulta se acomoda, esgotada pela sua “militontice”. Quem se gaba de estar em tudo não faz nada com profundidade, não leva nenhum projeto para frente, não ajuda a construir o projeto Brasil.

Esses dois anos de governo (2003-2004) foram uma experiência extremamente rica. Assim como tive clareza, ao entrar nos

dominicanos, de que não tenho vocação sacerdotal, esses dois anos me deram clareza que não tenho vocação para o serviço público. Fiz o meu trabalho, estou extremamente feliz com o que fiz. Aprendi algumas coisas que, de fora, eu não tinha idéia, como, por exemplo, que Lula ganhou uma eleição, mas não fez revolução! Às vezes cobra-se dele como se houvesse desembarcado em Havana em 1º. de janeiro de 1959.

O PT fez uma escolha, ao ser fundado em 1980, pela legalidade burguesa. Ainda havia ditadura no Brasil e ela durou mais 5 anos, terminou em 1985. O PT poderia ter feito uma opção revolucionária, ser um partido de enfrentamento da ordem burguesa. Mas fez a opção de disputar espaço de poder na ordem burguesa, apesar das dificuldades e contradições.

Durante 11 anos trabalhei no diálogo entre Igreja e Estado em Cuba, de 1981 a 1992. Cada vez que eu voltava de Cuba, a imprensa de São Paulo perguntava: “Você tem críticas ao regime cubano?” “Tenho”. “Ah, e quais são?” “Não digo, pois tenho como princípio denunciar o inimigo e criticar o amigo”.

Como vocês, tenho muitas críticas ao governo Lula, a diferença é que tenho a vantagem de poder falar internamente e brigar pelas críticas que faço. Tenho esperança. Apesar de todas as contradições, tenho confiança no rumo histórico do governo do companheiro Lula.

A governabilidade no Brasil sempre se fez numa perna só: o apoio dos políticos profissionais, dos partidos coligados no Congresso. A governabilidade do governo Lula deveria ter duas pernas. Uma, a tradicional, da base coligada. Estão aí Chico Alencar, Nilson Mourão, vários deputados federais brigando para dar a essa governabilidade as condições de mudança que todos nós queremos. Mas o governo Lula deveria ter outra perna de governabilidade: a mobilização do movimento popular.

Apesar de todas as contradições desse governo, não consigo enxergar, atualmente, outra pessoa para estar sentado naquela cadeira sem ser o Lula. Tenho muito medo de que a elite, na primeira oportunidade, recoloque um dos seus. Daí a importância do movimento social. Governo é que nem feijão, só funciona na panela de

pressão.

O governo Lula é o único na história do governo no Brasil que criou um Gabinete de Mobilização Social. Todo governante prefere a sociedade imobilizada. O próprio Lula, em encontros com movimentos indígenas ou dos sem-terra, tem insistido para que se mobilizem, porque o Planalto segue a lei da física, se o movimento social não se mobiliza, a elite se mobiliza. A elite é profissional em mobilização. Às vezes me perguntam: “Não acha que os sem-terra estão exagerando com as ocupações?” Respondo: “Depois que estou no Planalto descobri que as ocupações do MST são insignificantes diante das ocupações da elite brasileira na Esplanada dos Ministérios”. Temos que estar solidários com esse governo, pois ele tem um compromisso com os mais pobres, e não podemos empurrar esse governo para os braços da elite. Não podemos permitir que esse governo seja seqüestrado pelo neoliberalismo. Porque o resgate a ser pago será longo e doloroso para a nação brasileira.

Dentro desta espiritualidade do conflito devemos assumir a mística do Reino de Deus. Na nossa vida pessoal, devemos promover uma mudança permanente, para que sejamos capazes de construir ‘o homem e a mulher’ novos. O homem e a mulher novos têm de ser filhos do casamento de Santa Teresa D’Ávila com Ernesto Che Guevara.

Essa é a dimensão do Reino de Deus. Que consigamos levar essa visão, essa dinâmica, essa ética que nos faz jamais perder a esperança, e nos faz priorizar os mais pobres, que não nos permite deixar que alguém seja torturado, oprimido, que nos faz lutar com as armas da política como melhor ferramenta para a construção da caridade. É o que devemos fazer voltando desse Monte Tabor. Estar aqui é muito agradável. Os apóstolos falaram para Jesus montar umas tendas, ficar por ali, não voltar lá para baixo. Gostaríamos também de ficar aqui no encontro de Fé e Política, mas Jesus ensinou que devemos voltar para a nossa militância, ajudar a construir a libertação do Brasil, através da fé que não confessionaliza a política, nem quer fundar um partido cristão. A política deve ter como horizonte a perseverança nos valores do Evangelho, sem necessa-

riamente ela ser adjetivada como cristã. A política não tem que ser nem cristã nem anticristã, tem que ser libertadora. O Evangelho descreve, não apenas em quê devemos crer, mas sobretudo como devemos amar. Quando perguntaram a Jesus: “Quem haverá de se salvar?”, ele não disse: “Quem foi à missa todos os domingos, fez não sei quantas promessas...” Ele respondeu: “Tive fome e me deste de comer, estive oprimido e me libertaste, estive enfermo e me visitastes...”. A cada vez que fazemos isso a um excluído, a um dos pequeninos, é ao próprio Deus que estamos fazendo. Essa é a direção da nossa espiritualidade.

Frei Betto é escritor, autor do romance sobre Jesus “Entre todos os homens” (Ática), entre outros livros.

3. Anexos



Mística.

Carta de princípios do Movimento Fé e Política

Existem no Brasil inúmeros grupos de pessoas que, inspiradas na mensagem evangélica, atuam em movimentos populares, sindicatos, partidos políticos e outros espaços de organização social. Algumas dessas pessoas se reúnem em grupos informais de reflexão, celebração e aprofundamento. A maioria, porém, se sen-

te isolada e necessita de meios de reflexão para a sua prática. É nesse contexto que atua o 'Movimento Fé e Política'.

O 'Movimento Fé e Política' é ecumênico, não é confessional e não é partidário. Ele está aberto a todas as pessoas que consideram a política uma dimensão fundamental da vivência de sua fé, e a fé o horizonte de sua utopia política.

Voltando para a construção de uma sociedade alternativa ao capitalismo neoliberal, o Movimento tem o objetivo de fomentar a reflexão política, a vida espiritual e a subjetividade daqueles que estão comprometidos com uma prática política e social. Os participantes do 'Movimento Fé e Política' atuam em movimentos sociais, organizações populares ou partidos políticos; assumem a causa dos pobres, dos oprimidos e dos excluídos; conferem prioridade à conscientização e à organização popular; recusam a manipulação das bases; afirmam as classes populares como principal sujeito da própria história; rejeitam todos os valores calcados no individualismo e na absolutização do mercado e reafirmam, como valores fundamentais para o ser humano, a solidariedade, a cooperação e o direito de todos à vida em plenitude. Comprometem-se com o exercício da cidadania ativa e a construção de uma sociedade socialista, democrática, plural e planetária.

O 'Movimento Fé e Política' pretende ser um serviço de formação e informação sobre questões de política, cultura, ecologia, ética e espiritualidade. Além de pretender reforçar e estimular a experiência dos grupos de reflexão, celebração e aprofundamento.

*Itatiaia/ RJ, 03 de outubro de 1999.
Vigília da Festa de São Francisco.*

ABERTURA



Gilberto Carvalho.

GILBERTO CARVALHO

Queridos companheiros e queridas companheiras. Companheiros que compareceram ao nosso IV Encontro Nacional de Fé e Política, em nossa querida cidade de Londrina. Eu falo aqui nesse momento, em nome da Coordenação Nacional do Movimento Fé e Política, falo também em nome de todos aqueles anônimos que trabalharam no mundo inteiro, com muito sacrifício para que esse encontro pudesse ocorrer. Na celebração de amanhã vocês poderão conhecer mais essas companheiras, esses companheiros que deram muito de si, para que esse evento pudesse ocorrer nesse momento.

Eu quero, em primeiro lugar, agradecer a cada um e a cada uma de vocês que fizeram um esforço, que sei que é muito grande, para estar aqui neste momento. Nós não temos recursos, nós não temos financiamento, nós não podemos pagar nada para ninguém, então eu sei e todos sabemos que, quem está aqui, está porque decidiu fazer um esforço, de vir de mais longe ou de menos longe, de sacrificar um final de semana, depois de um ano tão cansativo para estar aqui. Então a você de coração, muito obrigado!

Quero também agradecer com muito carinho ao pastor nosso dessa arquidiocese Dom Albano Cavallin que tão generosamente nos acolheu, bem como nosso prefeito Nedson Micheleti. E, particularmente às equipes aqui de Londrina, que depois de disputar o processo eleitoral, tão duro, tão difícil, ainda conseguiram energia, força para preparar com tanto carinho esse nosso Encontro.

Eu queria começar essa breve mensagem, fazendo um pergunta. Quem é o movimento Fé e Política, quem somos nós? Talvez, quem veja esse encontro bonito hoje, possa imaginar que por trás disso haja uma grande estrutura, uma grande força muito organizada. Mas eu quero dizer para vocês, o que acontece aqui hoje é exatamente o milagre da união daqueles que não têm nada. O nosso movimento não passa de uma pequena coordenação, que nem sede hoje tem, pois fomos despejados. Nem temos recursos, mas temos o coração dessas pessoas que estão na coordenação e temos sobretudo vocês. Eu diria para vocês, que o movimento Fé e Política é cada um que está aqui, e cada um dos milhares, e, eu arriscaria dizer, os milhões que nesse país fazem um esforço cotidiano para praticar a coerência e a consequência entre a fé e a política. Se você é daqueles que luta no dia-a-dia pela mudança de nosso país, luta, pela justiça, orientado, referendado pela luz do evangelho, pela luz da tua fé, você faz parte do movimento de fé e política. Se você é daqueles que pratica a política, não como uma carreira, não como uma vaidade, mas como serviço ao povo, especialmente ao povo excluído e marginalizado, você faz parte do movimento fé e política. Se você tem a coragem e a iniciativa de parar de vez em quando na sua vida e fazer um momento de reflexão, de celebração, de visita ao evangelho e celebrar em sua co-

munidade, e, a partir disso adquire mais força para a luta, você faz parte do movimento fé e política. Não importa se tem partido, o nosso movimento não pertence a nenhum partido, não pertence a nenhum governo, não pertence a nenhuma religião, ele é sim, ligado à Igreja, ligado às Igrejas, teimosamente ligado às Igrejas, porque é nas nossas comunidades que nós temos as fontes de apoio, de luz e orientação. Mas não importa qual a nossa denominação. Na verdade, companheiros e companheiras a luta pela construção dessa relação de fé e política, é muito antiga no Brasil, ela vem desde os tempos do início de nosso país, quando cristãos coerentes tiveram a coragem de contestar o poder, de semente e fermento na massa, lutando historicamente durante séculos a fio, para que em nosso Brasil houvesse a justiça e a fraternidade.

Essa luta ganhou uma cor especial, um tom especial nos últimos tempos em nosso país, quando sob a ditadura militar, as Igrejas passaram a ter um papel profético essencial ao denunciar as injustiças, ao denunciar a opressão e ao mesmo tempo se tornando um espaço fundamental, muitas vezes o único espaço que restava para que se articulasse a defesa do povo.

Nós vamos fazer, daqui a pouco, uma homenagem a um dos personagens de maior expressão dessa luta, que é Dom Paulo Evaristo Arns, e à noite teremos o privilegio de ver um documentário maravilhoso sobre a figura profética que simboliza essa Igreja que é Dom Helder Câmara. Foi a partir desses profetas, de muitos profetas leigos, de muitos profetas anônimos... (aplausos) das diversas comunidades e Igrejas que se construiu no Brasil o núcleo, uma tradição que foi vinculando a luta evangélica à luta social, tendo consequência, uma a outra.

E, a partir dessa luta contra a ditadura, com a grande presença desses irmãos é que nós tivemos a felicidade de ir construindo um novo sindicalismo, que se apresentava como oposição e alternativa ao antigo sindicalismo, pelego, amorfo, que não lutava pelos trabalhadores. Foi a partir dessa inspiração, insisto, com forte presença de cristão que se construiu um grande movimento social, um movimento das minorias, um movimento da terra, um movimento pela luta dos direitos humanos, um movimento pela afir-

mação da igualdade entre as raças, dos gêneros e assim por diante. E, foi também, a partir de uma forte inspiração cristã que surgiram novos partidos, que foram conseguindo construir uma nova relação, nova referência para a prática social e política no Brasil. Felizmente aqui no Brasil, os cristãos nunca optaram em ir para o gueto, para fundar um partido cristão, ou um sindicato cristão. Nós optamos por sermos muitas vezes no silêncio um fermento na massa. Tentando fecundar por dentro, com a luz do evangelho e com nosso testemunho apesar de todos os nossos erros e nossas fragilidades, foram esses projetos que se desenharam.

No entanto no decorrer dessa luta, nós fomos percebendo também muitos problemas. Percebíamos, por exemplo, que era muito comum àqueles cristãos que se engajavam na luta sindical, social ou política, rapidamente se afastarem de suas comunidades. Na proporção que se aprofundavam na luta, na dureza da luta, iam perdendo essa referência de comunidade, essa referência da fé. Ao mesmo tempo, nós sentíamos muito, as incompreensões, porque em nossas Igrejas éramos considerados suspeitos de sermos comunistas, ou como oportunistas usando as comunidades. Nos partidos e nos movimentos éramos tidos como 'igrejeiros', como pessoas que estavam ali, mais para lutar pelos interesses da Igreja, do que pelos interesses mais amplos. Isso provocou, cada vez mais, uma dispersão entre nós. Foi a partir dessa reflexão e dessas dificuldades da prática que, nos anos 80, um grupo de teólogos e de leigos teve a feliz iniciativa de começar uma reflexão mais organizada sobre a reflexão da fé e política. Companheiros e teólogos como frei Leonardo Boff, frei Clodovis Boff, Luis Alberto Gomes de Souza e Pedro de Oliveira, que para a nossa alegria faz parte aqui da nossa coordenação, além de Marcelo Barros. Pessoas essas, que nos provocaram com alguns textos. E, esses textos serviram como que um desafio para que nós começássemos a organizar um pouco, essa reflexão da fé com a política. Logo em seguida foram chamados, alguns militantes, para incorporar essas reflexões, e, foi daí que nasceu isso que nós chamamos hoje de movimento de fé e política. Baseado em alguns princípios muito simples. O primeiro deles é que o essencial é o nosso engajamento na

luta. Não se pode fazer parte desse movimento apenas teoricamente, pois esse não é um movimento apenas de reflexão. Ele é um movimento de reflexão, celebração sempre a partir da luta, no meio da luta, enfrentando as contradições que as lutas dos movimentos sociais ou da política ou nos sindicatos nos colocam.

Um outro elemento fundamental naturalmente, é a fé. A fé é o elemento essencial, provocador da nossa luta, cobrador das nossas incoerências. É a fé que nos ajuda e nos obriga a não sermos sectários, a não acharmos que só tem um partido certo, que só um caminho que é certo, que só tem uma tendência que é certa, porque isso é uma espécie de idolatria. Não! Nunca podemos transformar aquilo que passa, que é transitório numa coisa definitiva, porque essa é a idolatria. É a fé que nos faz o tempo todo perguntar: “Será que estamos certos?” “Será esse nosso projeto é o melhor projeto mesmo?” É a fé que nos faz inclusive, quando for o caso, alternarmos os nossos instrumentos e mudarmos a nossa posição com humildade, se ela não estiver correta. A fé, portanto, é que nos obriga ao diálogo, porque a busca da verdade é essencialmente a busca do diálogo, a busca com consciência e coerência, da verdade encontrada no corpo e na cabeça de cada um.

Um outro elemento fundamental é que nós sempre nos propusemos ao diálogo ecumênico, ao diálogo político e ao diálogo com o outro, com o diferente. E, para isso, nós não quisemos construir um movimento pesado, um movimento com grandes estruturas. O nosso movimento se resume na verdade, na organização desses Encontros periódicos anuais e na construção. Neste encontro, nós precisamos discutir mais isso, na construção dos grupos locais. Não adianta realizarmos esses grandes e belos Encontros se em nossos Estados e em nossas cidades não nos unirmos, não nos encontrarmos, não criarmos grupos que nos ajudem na reflexão de cada dia. Porque esse encontro é um momento de abastecimento, é o momento de oásis, é o momento de nova inspiração, mas é essencial que nós reproduzamos ao longo de nossa vida, ao longo dos anos, dos meses e das semanas, outros momentos de celebração, em nossos estados, em nossas cidades.

Assim, nossos queridos irmãos e irmãs, nós realizamos no

ano de 2000, o nosso I Encontro em Santo André, depois em 2002 realizamos o II Encontro em Poços de Caldas, em 2003 realizamos em Goiânia o III Encontro e agora, nessa belíssima e querida cidade de Londrina estamos realizando o nosso IV Encontro. E, nossa pergunta para finalizar é a seguinte: Vai haver um V Encontro? Onde será? Quando será? Como será? Como o nosso movimento daqui pra frente, insisto, não pode ficar apenas nos encontros, se organizará? De uma coisa eu tenho convicção, nós não podemos abandonar essa luta. Sempre me vem à cabeça e ao coração a frase de Jesus vendo e sentindo a multidão, que era como ovelhas, sem pastor. Nós temos milhares e milhões de companheiros e companheiras que precisam de nosso testemunho, precisam de nossa mensagem, então nós não podemos parar. Nós temos muito para construir em nosso país, em nossas comunidades, em nossas Igrejas, na política, em nossos sindicatos, nos movimentos sociais. A sugestão que estamos dando é que, portanto, as oficinas de hoje à tarde se dêem um certo tempo, também para refletir sobre o nosso movimento. Porque nós queremos acolher às sugestões, através dos relatores de cada uma das oficinas, de como deve continuar o nosso movimento. Insisto, esse movimento não pertence à nossa pequena e frágil coordenação, pertence a todos nós. E quero concluir, pedindo ao Senhor, ao Divino Espírito Santo e a todos os que estão aqui presentes, todas as suas energias, para que este nosso Encontro seja um grande momento de fraternidade, celebração e de esperança. Porque a nossa fé é justamente o que nos assegura a possibilidade de termos esperança. Um grande abraço a todos e um feliz encontro a todos!! (aplausos)

Plenárias temáticas descentralizadas

Relação das Plenárias Temáticas		Assessoria	Local
1	Patrimônio hídrico: direito de todos, responsabilidade de cada um. Agenda 21: uma utopia de todos	Jelson Oliveira - CPT/PR	Paróquia Nossa Sr ^a . das Graças - Londrina
2	Desafios: partido político, movimento social e sociedade civil	André Quintão - MG	Paróquia Santa Cruz - Londrina
		Selvino Heck - RS	
3	Os desafios da política econômica no Brasil	Paulo Bernardo - PR	Paróquia Nossa Sr ^a . do Amparo - Londrina
		Thomas Ferreira - MIRE	
		César Sanson - CEPAT/PR	
4	Movimentos sociais e participação no governo	Gilberto Carvalho - DF	Paróquia Cristo Libertador - Londrina
5	O papel do Legislativo na construção de uma sociedade participativa	Nilson Mourão - AC	Paróquia Santo Antônio - Cambé
		Chico Alencar - RJ	
6	Mecanismos de participação e controle social na gestão pública	Jolinda Moraes Alves - PR	Paróquia Santo Antônio - Cafezais - Londrina
7	Questão internacional, globalização e nova ordem mundial	Enio Verri - PR	Paróquia Cristo Bom Pastor - Londrina

8	Políticas de Segurança Alimentar: Fome Zero	Adriana Aranha - DF	Paróquia Nossa Sr. ^a . do Carmo - Ouro Branco - Londrina
		José Maria Tardini - PR	
9	Diálogo inter-religioso e participação partidária	Marcelo Barros - GO	Paróquia Nossa Sr. ^a . Fátima - Cambé
		Odair Marques - GO	
10	Novas perspectivas da Educação Popular	Paulo Maldos - SP	Nossa Sr. ^a . Aparecida - Silvino (Cambé)
		Sandra Garcia - PR	
11	Políticas Públicas e universalização dos direitos sociais	Márcia Lopes - PR	CEBIC - Jataizinho
12	Fé e Política e realidade Latino Americana	Luiz Eduardo Wanderley - SP	Paróquia São Tiago Apóstolo - Londrina
13	Reforma Agrária	João Pedro Stédile - MST	Paróquia São Lourenço - Londrina
14	Violência, Solidariedade e Paz	Pedro A. R. Oliveira - DF	Paróquia Santa Rita de Cássia - Londrina
		Pe. Gunther Zgubic - SP	
		Milton Schwantes - SP	